

THAÍS SHIBATTA KAGESAWA

**MÃE NÃO É TUDO IGUAL: A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE ADOLESCENTES
VIOLENTADAS SEXUALMENTE PELA FIGURA MATERNA**

UBERLÂNDIA

2023

THAÍS SHIBATTA KAGESAWA

**MÃE NÃO É TUDO IGUAL: A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE ADOLESCENTES
VIOLENTADAS SEXUALMENTE PELA FIGURA MATERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado no Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Tachibana

UBERLÂNDIA

2023

THAÍS SHIBATTA KAGESAWA

**MÃE NÃO É TUDO IGUAL: A EXPERIÊNCIA EMOCIONAL DE ADOLESCENTES
VIOLENTADAS SEXUALMENTE PELA FIGURA MATERNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Miriam Tachibana

Banca examinadora

Uberlândia, 17 de novembro de 2023

Profa. Dra. Miriam Tachibana

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

Ma. Carolina Rizzatto Martins Padilha

Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto, SP

Profa. Dra. Marisa Aparecida Elias

Universidade Federal de Uberlândia - Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA

2023

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, carinhosamente chamada por Mirita, que tanto me inspirou nos encontros que tivemos ao longo da graduação, por ter me oferecido a oportunidade de finalizar o curso trabalhando ao seu lado. Por se mostrar disposta, por todas as angústias compartilhadas e por todo o conhecimento transmitido.

Aos meus pais, Silvia e Roberto, por acreditarem em mim até quando eu mesma não sou capaz, por me apoiarem nas minhas escolhas e por me darem a certeza e a segurança de que eu sempre terei um refúgio em vocês. Nada disso seria possível sem vocês dois.

Ao meu irmão, Gustavo, que é o primeiro amigo que a vida me deu e que eu tenho a tranquilidade de saber que assim será até o fim, por todo o companheirismo, gentileza, brincadeiras e risadas, por me ensinar tanto e estar sempre disposto a tal.

Ao meu namorado, Vitor, pelo encorajamento e acolhimento constantes, por oferecer ajuda até mesmo quando você sabe que cabe somente a mim executar alguma tarefa e por se fazer presente mesmo estando longe.

Aos meus amigos, por cada momento de descontração, de desabafos e de trocas. Aos de Uberlândia, por tornarem a graduação um processo menos árduo. Aos de Ilha Solteira, por fazerem questão de manter o contato apesar dos diferentes rumos que seguimos.

À minha terapeuta, que tanto me ajudou e tem me ajudado na elaboração das inquietações e angústias que vivenciar e construir esse trabalho suscitaram.

Ao ambulatório especializado e à toda equipe que o compõe, bem como às pessoas que já não fazem mais parte da equipe atual, mas estavam presentes quando eu ingressei, por me acolherem tão carinhosamente e me mostrarem a potência que o trabalho em equipe interdisciplinar pode ter.

Ao grupo de pesquisa, pela companhia nessa jornada e por contribuir com reflexões e apontamentos durante as discussões dos materiais colhidos.

À Carolina, à Marisa e à Sofia, que aceitarem o convite de compor a banca examinadora, por se disponibilizarem a pensar este trabalho conosco.

Por fim, às adolescentes participantes e suas famílias, por permitirem que adentrássemos em seus mundos e confiarem em nós, possibilitando a construção desta pesquisa.

RESUMO

Ainda que o principal agressor em casos de violência sexual contra adolescentes seja do sexo masculino, o que explica a vasta literatura com esse enfoque, é importante olharmos também para os casos em que a violência sexual é perpetrada por uma figura feminina que cumpre função materna para a vítima. Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar psicanaliticamente a experiência emocional de meninas adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por uma mulher que lhes cumpria a função materna, estando envolvida como ofensora ou co-ofensora. Contamos com cinco participantes, entre 12 e 17 anos, que estavam em acompanhamento em um ambulatório especializado na atenção integral a vítimas de violência sexual, com as quais foram realizadas entrevistas individuais, a partir da orientação psicanalítica, mediadas pelo recurso mediador-dialógico do Procedimento de Desenho-Estória com Tema. O resultado de cada entrevista foram Narrativas Transferenciais analisadas com base na Teoria dos Campos. A análise possibilitou a identificação de dois campos intitulados como “As sem-família” e “A poderosa chefeona”. O primeiro refere-se ao sentimento das adolescentes de (não) filiação em relação às famílias, o que se associa com a cultura materno-centrada em que vivemos. Já o segundo campo versa sobre o mal-estar das participantes em relação à feminilidade, bem como a busca por outras figuras femininas com quem se identificar positivamente. Esperamos que a presente pesquisa possa proporcionar maior visibilidade aos casos de violência sexual em que a agressora é uma figura materna, além de enriquecer a literatura da área com esse enfoque, considerando sua escassez.

Palavras-chave: Agressões sexuais; Violência na família; Adolescentes; Psicanálise; Feminilidade.

ABSTRACT

Even though the main aggressor in cases of sexual violence against adolescents is male, which explains the vast literature on this topic, it's important to investigate cases in which sexual violence is perpetrated by a female figure who fulfills a maternal function for the victim. Thus, the objective of this research was to investigate the emotional experience of adolescent girls who were victims of sexual violence perpetrated by a woman who performed a maternal role, being involved as an offender or co-offender. We had five participants, between 12 and 17 years old, who were being monitored in an outpatient clinic specialized in comprehensive care for victims of sexual assault, with whom individual interviews were carried out, based on psychoanalytic guidance, mediated by the dialogical resource of the Thematic Story-Drawing Procedure. The result of each interview were transferential narratives analyzed based on the Multiple Fields Theory. The analysis made it possible to identify two fields entitled "The family-less" and "The powerful big boss". The first one refers to the feeling of (non) affiliation in relation to the adolescents' families, which is associated with the maternal-centered culture in which we live. The second field deals with the participants' discomfort in relation to femininity, as well as the search for other female figures with whom they can positively identify. We hope that this research can provide greater visibility to cases of sexual violence in which the aggressor is a maternal figure, in addition to enriching the literature in the area, considering its scarcity.

Keywords: Sex offenses; Family violence; Adolescents; Psychoanalysis; Femininity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. MÉTODO.....	6
2.1. Participantes	6
2.2. Procedimento de coleta de dados	7
2.3. Procedimento de análise de dados	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
3.1. “As sem-família”	11
3.2. “A poderosa chefona”	21
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
5. REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Dado o aumento de notificações de casos de violência sexual a cada ano, o fenômeno tem sido considerado um problema social, de saúde e de segurança públicas, sendo alvo de investigações variadas por parte da comunidade científica. Dentre os estudos dedicados ao tema, observamos que, em geral, as vítimas são majoritariamente do sexo feminino e encontram-se na infância e na adolescência (menos de um a 19 anos). Como dado complementar, as pesquisas apontam que os principais agressores são homens próximos da vítima, como companheiros, ex-companheiros, pais, padrastos, parentes e conhecidos (Casini et al., 2021; Gaspar & Pereira, 2018; Manso & Campagna, 2019; Ministério da Saúde, 2023; Oliveira et al., 2022; Santana et al., 2020; Souza et al., 2020).

Vemos, a partir desses dados, que o fenômeno da violência sexual se constitui como violência de gênero e de geração, estando associado às posições desiguais difundidas pela sociedade nas relações intergênero e intergeracional (Casini et al., 2021; Fornari et al., 2018; Gaspar & Pereira, 2018; Santana et al., 2020). Quanto à primeira, devemos considerar os papéis de gênero impostos para as pessoas do sexo feminino e masculino desde a infância, que constroem significados quanto à posição supostamente ocupadas por eles, como, por exemplo, a da mulher ser submissa ao homem. Já a violência de geração refere-se à relação de poder assimétrica entre adultos e crianças e adolescentes, que contribui para o aumento da vulnerabilidade infantojuvenil (Casini et al., 2021; Fornari et al., 2018).

No presente trabalho, em função de nossa inserção num ambulatório especializado na atenção integral a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, nos debruçaremos sobre a violência contra adolescentes, focalizando a faceta geracional que atravessa a violência sexual. Contudo, apesar de o principal agressor em casos de violência sexual ser do sexo masculino, o que de fato observamos a partir de nossa prática clínica no ambulatório, neste estudo focalizaremos nos casos em que a ofensora é uma mulher, dada a constatação de que são

escassos os estudos científicos que versam sobre a violência sexual cometida pela figura feminina.

Inclusive, notamos que, dentre os poucos estudos que versam sobre a figura feminina agressora sexual, a maioria não foi produzida no Brasil e, por vezes, versa sobre a violência sexual perpetrada pela mulher de forma generalizada, isto é, sem discriminar a faixa etária da vítima. Um destes estudos é o de Cortoni et al. (2017), que realizaram uma metanálise da prevalência de crimes sexuais cometidos por mulheres com dados de 12 países e descobriram que há uma subnotificação dos casos de violência sexual perpetrada por mulheres. Quando são considerados somente crimes reportados oficialmente, as mulheres representam aproximadamente 2% de agressoras sexuais. Entretanto, essa taxa sobe para 12% quando são contemplados dados de pesquisas de vitimização, abrangendo também casos que não foram reportados à polícia.

Podemos supor que tal subnotificação esteja não apenas associada ao fato de a violência sexual ser majoritariamente associada ao sexo masculino, mas também devido à percepção e expectativa sociais de que mulheres são naturalmente cuidadosas, protetoras e carinhosas, o que dificulta a assimilação de que essa violência seria possível (Denov, 2004; Etherington, 1997; McLeod et al., 2021). Desde essa perspectiva, se a violência sexual ocupa de saída um lugar de tabu na sociedade, aquela que é perpetrada por mulheres seria ainda mais difícil de ser pensada, dada a suposta violação de normas de gênero (Comartin et al., 2018).

Talvez, justamente por conta desse imaginário social acerca do feminino, alguns pesquisadores buscaram discorrer sobre a violência sexual perpetrada pela mulher discriminando os casos em que ela teria agido sozinha daqueles em que ela estaria com outra pessoa, sendo caracterizada como ofensora ou co-ofensora respectivamente (Comartin et al., 2018; Gillespie et al., 2015), podendo esta ter agido coagida ou não (Comartin et al., 2018). No estudo de Comartin et al. (2018), por exemplo, foi realizada uma comparação entre as mulheres

que agiram sozinhas e as co-ofensoras, na execução da violência sexual, sendo considerado que as co-ofensoras apresentavam maior probabilidade de terem vivenciado problemas no apego parental, podendo ter relação com abuso de substâncias pelos pais, encarceramento ou divórcio, e de terem sofrido intimidação ou ameaças por qualquer parceiro íntimo. Ainda segundo esse estudo, mulheres coagidas a perpetrar uma violência sexual teriam experienciado vivências de abuso físico, emocional e sexual e abuso cometido por parceiro íntimo com maior frequência em comparação àquelas que não foram coagidas¹.

Ainda no tocante às pré-concepções sociais sobre o feminino, notamos que pode existir a ideia de que a violência sexual cometida por mulheres seria menos danosa às vítimas do que aquela cometida por homens. Aqui, caberia nos indagarmos se, mais uma vez, estaríamos diante da dificuldade de associar a mulher à destrutividade tão avessa ao cuidado. Alguns textos, inclusive, pontuam que, ainda que haja consequências semelhantes entre as vítimas de violência sexual cometida por mulheres e homens, como problemas de abuso de substância, autolesão, depressão, suicídio, dificuldades sexuais e medo de violentar crianças, existiriam alguns que seriam peculiares no abuso perpetrado por mulheres (Denov, 2004).

Trata-se de algo que foi abordado no estudo de Denov (2004), que teve como objetivo investigar os efeitos a longo prazo da violência sexual cometida por mulheres, a partir de entrevistas com 14 participantes (dentre os quais sete mulheres e sete homens). A partir desse estudo, foi possível notar raiva intensa dirigida a mulheres, o que pode dificultar o convívio com elas. Ademais, foram identificadas diferenças entre os participantes de cada sexo: enquanto os homens questionavam a sua masculinidade por sentirem que haviam falhado ao terem sido abusados por mulheres, como se se identificassem com um “gênero mais fraco”, as mulheres

¹ Embora as principais vítimas das pesquisas de Comartin et al. (2018) e Gillespie et al. (2015) tenham sido crianças e adolescentes, tais estudos não se referem exclusivamente à violência contra estes últimos. Foi necessário realizar essa fundamentação teórica fazendo uso de trabalhos que tratam da violência sexual cometida contra a população de forma geral, devido à escassez na literatura sobre a violência sexual contra adolescentes perpetrada por mulheres.

manifestaram o temor diante da feminilidade, negando suas identidades femininas quando crianças e adolescentes, relacionando tais atitudes à violência vivida e, especialmente, à abusadora.

Desse modo, entendendo que a violência sexual perpetrada por uma figura feminina incide de maneira diversa a depender do sexo da vítima, no presente estudo, focalizaremos em vítimas adolescentes do sexo feminino. Ainda, considerando que a violência sexual costuma ocorrer em ambiente doméstico (Fernandes et al., 2019; Oliveira et al., 2020), com as agressões cometidas por mulheres ocorrendo em um contexto em que as vítimas são geralmente seus filhos ou pessoas que por elas são supostamente cuidadas (McLeod, 2015; Wijkman et al., 2010; Williams & Bierie, 2015), nossa investigação será centrada na experiência emocional de meninas adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por uma mulher que lhes cumpria a função materna.

Ao adotarmos o termo “função materna” entendemos que não estamos nos referindo exclusivamente às mães das meninas adolescentes, dada a compreensão de que o termo refere-se, de maneira mais abrangente, a qualquer adulto que se dedica a favorecer a constituição subjetiva do bebê, não sendo necessariamente uma função exercida pela mãe ou por uma mulher (Garrafa, 2020). Mas, ao mesmo tempo em que não limitaremos esse estudo às violências cometidas literalmente pelas mães, focalizaremos nos casos em que a figura que desempenhava a função materna (e que cometeu a violência sexual) era do sexo feminino. Ou seja, consideraremos os casos em que figuras maternas, originárias ou substitutivas, foram experienciadas como agressoras sexuais de meninas adolescentes, seja na condição de ofensoras, seja na de co-ofensoras.

Na comunidade psicanalítica, vemos extensa literatura sobre a relação materno-filial, provavelmente dada a constatação de que a figura primária na vida do indivíduo é a sua figura materna, com quem a criança acaba desenvolvendo instintiva e naturalmente um apego, dada a

sua dependência em relação ao cuidado do outro para que possa sobreviver (Etherington, 1997). Um autor da Psicanálise que discutiu bastante sobre essas questões foi o psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, que descrevia que as crianças recém-nascidas encontram-se em dependência absoluta em relação ao ambiente, que, por sua vez, deve ofertar-lhe *holding*, (Winnicott, 1968/2002), entendido como um cuidado repetitivo e constante, essencial à promoção da sustentação física e emocional do bebê (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014).

Winnicott (1968/2002) acreditava que, dentre as várias pessoas que compõem o ambiente do bebê, a figura materna seria aquela com maior disposição psíquica para ofertar esse cuidado devotado e adaptado, devido à existência da preocupação materna primária, isto é, de uma condição especial que atravessa a mulher, no final da gestação e no começo do puerpério, que descortinaria uma maior sensibilidade para a adaptação às necessidades do bebê. Apesar de Winnicott (1965/2005; 1982/2000) reconhecer que essa preocupação poderia não se manifestar em algumas mulheres e de entender que falhas maternas inevitavelmente ocorreriam, discorrendo exaustivamente sobre essas possíveis falhas que atravessariam a relação materno-filial, vemos que Winnicott não chegou a voltar-se para a temática da violência sexual atravessando essa relação.

Um autor da Psicanálise que já teria discorrido sobre a violência sexual e a relação materno-filial teria sido o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1933/1992). Contudo, ainda que Ferenczi tenha falado sobre situações em que a mulher teria sido a agressora sexual, ele o fez de forma breve, sem fazer aprofundamentos sobre. Vemos que, nos estudos inspirados nos conceitos ferenczianos, a figura materna tem sido mais associada àquela que, ao negar o relato da criança ou do adolescente acerca da violência sexual, a traumatizaria pela via do desmentido (Magalhães, 2022), isto é, pela não validação e o não reconhecimento da violência (Ferenczi, 1933/1992; Gondar, 2012). Trata-se de algo que faz sentido ao constatarmos que, em geral, nos casos de violência sexual infantojuvenil, a figura materna ocupa o lugar de denunciante,

acompanhante e cuidadora (Cohim & Costa, 2011; Fernandez & Silva, 2020), uma vez que frequentemente é a ela a quem a vítima confia esse segredo.

Perante a lacuna na literatura científica, em especial a psicanalítica, com a qual particularmente nos identificamos, acerca da violência sexual perpetrada pela figura materna, objetivamos investigar psicanaliticamente a experiência emocional de meninas adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por uma mulher que lhes cumpria a função materna, estando envolvida como ofensora ou co-ofensora.

2. MÉTODO

2.1. Participantes

Participaram desta pesquisa cinco adolescentes, entre 12 e 17 anos, que estavam sendo acompanhadas em um ambulatório especializado na atenção integral a crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, localizado no interior do estado de Minas Gerais. Foi, inclusive, neste mesmo local em que este estudo foi realizado, após a aprovação do projeto de pesquisa no Comitê de Ética de Pesquisa envolvendo seres humanos (CAAE: 67682023.3.0000.5152).

A tabela a seguir apresenta as principais informações, elencadas por nós a partir das entrevistas, acerca das participantes:

Tabela 1

Participantes e suas principais características

Participantes²	Amora	Lívia	Raquel	Tiana	Maitê
Idade	12 anos	15 anos	17 anos	12 anos	13 anos
Figura materna envolvida	Mãe	Avó materna	Mãe	Avó paterna	Mãe

² Os nomes das participantes e os demais nomes apresentados na pesquisa foram substituídos por nomes fictícios, a fim de assegurar o anonimato das mesmas, conforme prevê o Código de Ética em Psicologia.

Tipo de envolvimento	Co-ofensora ³	Co-ofensora	Ofensora	Co-ofensora	Co-ofensora
Agressor(a)	Namorado da mãe	Primo	Mãe	Primo	Marido da babá
Irmãos	2 irmãs e 1 irmão	2 irmãs	1 irmã e 2 irmãos	1 irmã e 1 irmão	2 irmãs
Filhos	Não	Não	1 filho	Não	Não
Morava com a ofensora/co-ofensora no momento da entrevista	Sim	Não	Não	Não	Não

O número de participantes escolhido justifica-se por se tratar de uma pesquisa qualitativa, que se caracteriza por explorar os fenômenos em profundidade, mais do que em contar com a participação de muitos sujeitos, visto que a generalização dos resultados não é o principal propósito (Sampieri et al., 2013). Ademais, como o tipo de violência sexual investigado é menos recorrente e menos identificado em comparação aos casos em que o agressor é um homem, sabíamos de antemão que não seriam tantos os casos que chegariam à Rede de Proteção.

2.2. Procedimento de coleta de dados

Primeiramente, é válido apresentarmos como funcionam os atendimentos no ambulatório em que a pesquisa foi realizada, o qual é composto por uma equipe interdisciplinar composta por 24 profissionais e estudantes da Psicologia, Serviço Social e Medicina. O protocolo de atendimento é constituído por cinco etapas, sendo a primeira delas a leitura do prontuário e a discussão do caso em equipe interdisciplinar, momento em que é identificado

³ Comartin et al. (2018) definem a co-ofensa quando outros agressores estiveram presentes durante o crime junto à mulher ofensora. Apesar disso, no presente estudo, ampliamos essa definição entendendo que tal classificação também é válida nos casos em que a mulher de alguma forma contribuiu de maneira ativa para a ocorrência da violência ou continuidade da mesma, independentemente de estar ou não presente na cena.

quem da equipe irá atender aquele caso. Num segundo momento, inicia-se o atendimento conjunto com a criança/o adolescente e os seus responsáveis acompanhantes. Num terceiro momento, a criança ou o adolescente é convidado para atendimento lúdico individual feito por algum dos integrantes da Psicologia, em uma outra sala do ambulatório, enquanto os responsáveis seguem sendo atendidos pelo restante da equipe responsável por esse caso. Num quarto tempo, quando os atendimentos paralelos são finalizados, a equipe se reúne para discutir sobre suas impressões frente aos atendimentos separados, enquanto a criança/o adolescente volta a ficar com seus responsáveis, aguardando o retorno da equipe. Por fim, a equipe se reúne novamente com a criança/o adolescente e seus responsáveis, em formato de atendimento conjunto, para serem feitas as devolutivas.

Em relação à presente pesquisa, as participantes foram identificadas e selecionadas a partir da leitura prévia dos prontuários eletrônicos dos casos agendados no ambulatório e da discussão dos mesmos com os demais integrantes da equipe interdisciplinar. Desse modo, quando cada adolescente comparecia para o atendimento ambulatorial, era feito o convite para que participasse da pesquisa. Depois do aceite dos responsáveis via assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), bem como o aceite das adolescentes via assinatura do termo de assentimento livre e esclarecido (TALE), as entrevistas ocorriam em uma sala reservada no ambulatório, enquanto os familiares responsáveis por elas seguiam sendo atendidos por outros membros da equipe ambulatorial, conforme o protocolo do ambulatório.

A entrevista, com duração média de 50 minutos, foi embasada no método psicanalítico, composto pelas técnicas da associação livre e da atenção flutuante (Coelho & Cunha, 2021; Coelho & Santos, 2012). A primeira refere-se à ação de analisar de expor os seus pensamentos de forma espontânea, sem apoiar-se em um elemento previamente dado, ou seja, sem deixar-se levar por uma intenção seletiva, o que, por sua vez, se relaciona com a atenção flutuante, que diz respeito a uma forma de escuta do analista, caracterizada pelo não

favorecimento de algum elemento do discurso, exigindo que sua própria atividade inconsciente funcione livremente (Laplanche & Pontalis, 1967/2001; Roudinesco & Plon, 1997/1998). Consoante a isso, não foi adotado um roteiro de perguntas previamente elaborado.

Entretanto, foi utilizado um recurso mediador-dialógico a fim de facilitar a conversa em relação ao entendimento da participante sobre a violência sexual vivenciada e sua relação com sua ofensora ou co-ofensora, tendo em vista o cumprimento do objetivo deste estudo. O recurso contribuiu na criação de um ambiente lúdico, visto que a questão conceitual dele é substituída por um enigma imaginário que convida a participante a responder brincando (Aiello-Vaisberg, 1995). À vista disso, foi empregado o Procedimento de Desenho-Estória com Tema, desenvolvido por Aiello-Vaisberg (1999), que consiste em pedir que a participante faça um desenho a partir de uma temática específica, de acordo com os interesses de pesquisa, e, depois, que invente uma história sobre o que desenhou, escrevendo-a no verso da folha ou relatando oralmente, conforme desejasse. O tema utilizado no presente estudo foi “uma família”, dada a compreensão de que esse tema se revelaria mais amplo (do que o tema “uma mãe”) e viabilizaria que as participantes pudessem associar mais livremente, não se sentindo acudadas logo de início com a temática.

Assim, o desenho-estória produzido foi usado para iniciar a conversa sobre a própria família das participantes, sendo possível investigar quais são as pessoas que compõem seu núcleo familiar, as percepções sobre a figura materna e as compreensões acerca da violência vivenciada. Os materiais utilizados foram papéis sulfite A4, lápis grafite e lápis de cor.

Vale destacarmos que, das cinco adolescentes, duas não se dispuseram a desenhar, sendo justamente as participantes mais velhas deste estudo. Assim, podemos pensar que a recusa delas pode ter a ver com suas idades e a possibilidade delas terem achado a proposta infantilizada, apesar do desenho e do recurso escolhido não serem limitados à infância. De todo modo, entendemos que isso não atrapalhou a investigação, visto que, em nossa perspectiva de

pesquisa, o mais importante era a entrevista propriamente dita, sendo o recurso mediador-dialógico dispensável, à medida em que ocuparia um papel de dar suporte à entrevista.

2.3. Procedimento de análise de dados

No momento seguinte à realização das entrevistas individuais com as adolescentes, a discente pesquisadora redigiu uma Narrativa Transferencial para cada encontro tido com as participantes. A Narrativa Transferencial refere-se à apresentação do acontecer clínico, do que foi vivenciado no momento da entrevista, sendo fruto desta experiência e constituída pelas impressões contratransferenciais e a associação livre da pesquisadora, para além das falas e condutas manifestadas pelas participantes (Aiello-Vaisberg & Machado, 2005; Medeiros, 2009). Neste caso, a contratransferência diz respeito a como a discente entrevistadora foi afetada pelo que foi exposto pela participante entrevistada.

Posteriormente, foram feitos dois tipos de análise do material, sendo ambos embasados no método psicanalítico e realizados com a participação da discente pesquisadora, da docente orientadora e das demais integrantes do grupo de pesquisa. O primeiro consistiu numa análise mais individualizada do material, com as Narrativas Transferenciais redigidas pela discente pesquisadora e os desenhos-estórias realizados pelas participantes sendo analisados à medida em que as entrevistas eram realizadas. O segundo foi referente ao conjunto de todo o material (Narrativas Transferenciais e desenhos-estórias de todas as participantes), no qual buscamos compreendê-lo segundo a Teoria dos Campos, elaborada pelo psicanalista brasileiro Fábio Herrmann.

Segundo essa teoria, o psiquismo é constituído por vários campos articulados que sustentam as representações da realidade de cada sujeito, ou seja, as formas com que ele apreende a realidade (Sanches & Cardoso Júnior, 2006). Assim, a partir da análise psicanalítica do material de pesquisa, buscamos identificar quais eram os campos que permeavam a

experiência emocional das meninas adolescentes que sofreram violência sexual perpetrada por uma mulher que lhes cumpria a função materna.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da coletânea de Narrativas Transferenciais e dos desenhos-estórias realizados pelas participantes, quando houve, nos levou a definir dois campos, considerando o objetivo da presente pesquisa, que serão apresentados em seguida.

3.1. “As sem-família”⁴

O campo “As sem-família” versa sobre o sentimento de (não) filiação, experienciado pelas adolescentes, em relação aos seus grupos familiares. Embora todas as entrevistadas tenham se apresentado desde esse campo, entendemos que o trecho da Narrativa Transferencial da entrevista com Amora, de 12 anos, ilustra essa questão de maneira emblemática:

Amora veio ao ambulatório acompanhada de sua mãe. Sabia⁵, contudo, a partir da leitura prévia do prontuário dela, que, embora naquele momento ela estivesse residindo com a sua mãe e seus irmãos, havia sido afastada desse convívio familiar por algum tempo, residindo com uma família acolhedora, sendo recente o retorno à sua família consanguínea. Também sabia, a partir do prontuário dela, que, quando ela havia sido trazida ao pronto socorro⁶ há 16 meses, devido à violência sexual cometida pelo então namorado de sua mãe, ela relatou à equipe que o estupro havia ocorrido em ocasião em que ela, a mãe e o agressor sexual estavam

⁴ O título deste campo foi inspirado no nome de um filme de animação intitulado “Os sem-floresta”, que retrata o percurso de alguns animais entre o medo e o descobrimento de possibilidades após despertarem de um período de hibernação e perceberem que a floresta habitada por eles sofreu mudanças.

⁵ Os trechos das Narrativas Transferenciais serão apresentados em primeira pessoa do singular devido às entrevistas terem sido realizadas por somente uma das pesquisadoras, que também ficou responsável por redigir o material posterior aos encontros.

⁶ O fluxo de atendimento a vítimas de violência sexual utilizado na Rede de Proteção da cidade em questão prevê que as vítimas passem primeiro pelo Pronto Socorro de um Hospital de Clínicas, sendo que a evolução de prontuário citada refere-se a esse atendimento inicial, que é feito por uma equipe interdisciplinar do hospital diferente da equipe do ambulatório especializado.

dormindo no mesmo cômodo, e que, quando ela acorda em meio à violência, percebe que a mãe já não estava mais no quarto. Me chama a atenção, no entanto, que, ao conversar com a equipe do ambulatório, que acompanhava esse caso desde então, havia a compreensão de que a mãe estava presente no cômodo na ocasião da violência sexual, e que nada fizera a respeito, sendo esse um dos indicadores, dentre outros, que faziam com que ela fosse considerada uma mãe não protetiva. Durante a nossa entrevista, Amora relata novamente o ocorrido, mas, desta vez, me conta que estava dormindo em um cômodo separado da mãe e de seu namorado. Assim, ao longo dessa entrevista, fico me indagando se ela seria ou não participante desse estudo, posto que, a depender do que de fato havia ocorrido, sua mãe teria sido ou não co-ofensora da violência sexual sofrida por ela. Enquanto tentava responder essa pergunta, Amora me lança ela também uma pergunta, querendo saber se o desenho de família, que eu havia solicitado que ela fizesse, tinha que ser a dela ou se poderia ser a de uma família qualquer. Sem me dar conta de que estava direcionando Amora, disse para ser a da família dela. Amora, então, começa a desenhar duas pessoas e, em seguida, me pergunta se deveria se desenhar também. Pergunto para ela se ela faz parte da família, ao que ela responde que sim. E, desse modo, ela desenha seu irmão, sua irmã mais velha, sua irmã mais nova, sua mãe e a si mesma respectivamente (Figura 1).

Figura 1

Desenho produzido por Amora.

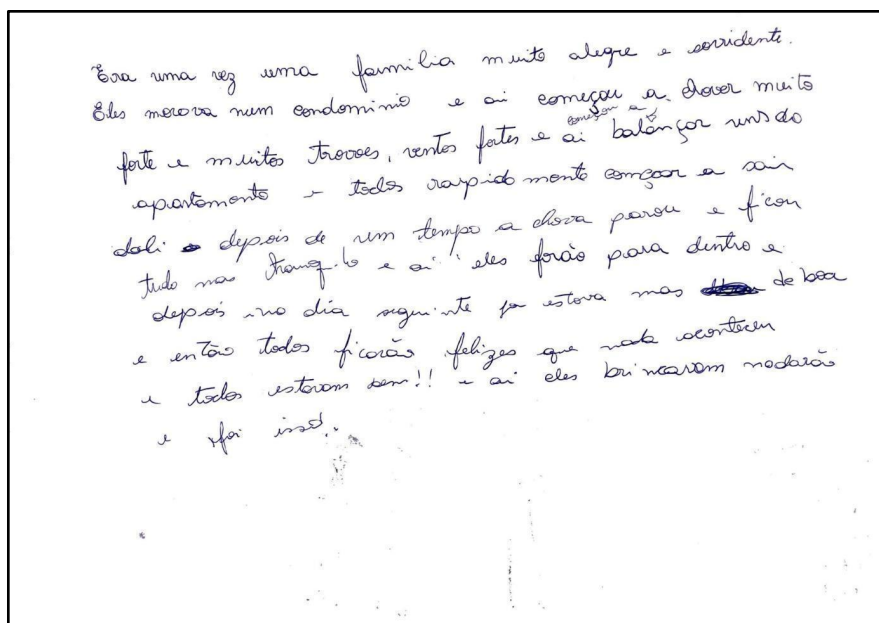


Fonte: autoria da participante.

Quando peço para Amora inventar uma história a partir do desenho e escrevê-la no verso da folha, ela elabora o seguinte: “Era uma vez uma família muito alegre e sorridente. Eles morava (sic) num condomínio e aí começou a chover muito forte e muitos trovões, ventos fortes e aí começou a balançar um dos apartamentos e todos rapidamente começar (sic) a sair dali. Depois de um tempo a chuva passou e ficou tudo mais tranquilo e aí eles forão (sic) para dentro e depois, no dia seguinte já estava mas (sic) de boa e então todos ficarão (sic) felizes que nada aconteceu e todos estavam bem!! e aí eles brincaram, nadaram e foi isso!” (Figura 2).

Figura 2

História criada por Amora a partir de seu desenho.



Fonte: autoria da participante.

À medida em que a entrevista se desenvolve, noto que, apesar da adolescente ter feito o desenho de sua família biológica, fazia mais referência à família acolhedora, me contando bastante sobre a “tia” (como ela se refere à mãe acolhedora) e sobre as atividades que fazia numa ONG que, por estar localizada perto da casa dessa “tia”, acabava levando-a a visitar a casa da família acolhedora quase todos os dias. Em contraste, reparei que, mediante as minhas perguntas sobre a sua família consanguínea, em especial sobre a sua relação com a sua mãe, Amora me respondia com poucas palavras. Assim, ao final da entrevista, me vejo diante de uma adolescente que não apenas discorreu sobre duas famílias, como também que apresentava diferentes versões do episódio da violência sexual.

A partir desse material, vemos que, desde o início do encontro, Amora comunicava não se sentir pertencente a sua família consanguínea, seja indagando qual família deveria ser desenhada, seja passando a maior parte da entrevista falando sobre a família acolhedora, com quem havia deixado de residir há pouco tempo. Seria possível, num primeiro momento, levantarmos a hipótese de que talvez Amora tenha trazido manifestações desde o campo “As sem-família” justamente devido ao fato de, em seu caso peculiar, ela ter vivido provisoriamente em acolhimento familiar.

De fato, Kuabara et al. (2016) apontam que, embora a relação de crianças e adolescentes construída com a família acolhedora não possa substituir a criada com a mãe, é possível que os acolhidos reconheçam aquela família como a sua própria. Isso fica evidente em relação a um de seus entrevistados, que discorreu acerca da família que o acolheu como se fosse a única que ele possuía, declarando ter outra somente ao final do encontro. Nesse sentido, é compreensível que haja certa “confusão” em relação a um referencial de família por aqueles que passaram por acolhimento familiar, visto que há construção de laços e de identidade com a família acolhedora (Baptista et al., 2019).

Entretanto, como outras participantes desse estudo também se trouxeram desde o campo “As sem-família”, mesmo sem ter tido a experiência de afastamento provisório do convívio familiar, podemos pensar, num segundo momento, que tal sentimento de (não) filiação possa estar associado ao fato de vivermos em uma cultura materno-centrada, em que a parentalidade é principalmente feminina. Embora a partir de alguns fenômenos sociais, como a entrada da mulher no mercado de trabalho e sua maior contribuição no sustento econômico da casa, o papel ocupado pela mulher-mãe na família tenha sofrido mudanças, no sentido dela não ser mais necessariamente a única responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos, nota-se que a divisão dessas atividades parece não ser proporcional ao avanço dos fenômenos sociais citados (Wagner et al., 2005). Ou seja, vemos que a mulher-mãe ainda ocupa um lugar central na família, como apontado por Favaro (2007), ao referir-se a ela como um fator integrador fundamental para a sobrevivência da unidade familiar.

Desde essa perspectiva, seria possível pensarmos que, quando a relação com a figura paterna é danificada, por mais doloroso que seja para o/a filho/a, ainda assim seria possível preservar o senso de pertencimento familiar, sobretudo se a figura materna se mostra protetiva. Já quando a relação com a figura materna é a devastada, haveria um mal-estar não apenas em relação a ela propriamente, mas também a todo o restante do grupo familiar, que tende a ficar,

em função da cultura materno-centrada, associada à figura materna. Em outras palavras, é como se, sem o pai, a adolescente se sentisse prejudicada pela ausência dele e, sem a mãe, o seu ambiente familiar se tornasse todo ele ausente.

Essa equiparação entre a figura materna e o ambiente familiar é observada inclusive nas teorias psicológicas, dentre as quais as psicanalíticas, que, por sua vez, não deixam de estar elas mesmas atravessadas pelo imaginário social predominantemente maternalista. Embora nos identifiquemos com a obra winnicottiana, reconhecemos que ela centrou-se bastante na relação mãe-bebê, com a mulher-mãe sendo concebida por ele como a principal responsável em constituir um ambiente suficientemente bom ao bebê (Miranda et al., 2019; Winnicott, 1968/2002).

Nesse sentido, poderíamos pensar que estaríamos todos, em maior ou menor grau, atravessados pelo campo “As sem-família”? Uma vez que concebemos uma ideia de família em que a mulher ocupa um lugar central, quando a adolescente não consegue contar com a proteção de sua figura materna, também a enxergamos como sem referência familiar? Isso inclusive explicaria a confusão da equipe ambulatorial em relação à cena da violência (em que constava no prontuário que Amora dizia que a sua mãe não estava mais no quarto, enquanto os profissionais que a acompanhavam discorriam que ela estava presente na cena de forma omissa). Afinal, se considerarmos que a mãe de Amora realmente não estava no cômodo no momento da violência sexual, o fato de a equipe fantasiar que ela teria participado da cena poderia ser justamente uma manifestação dessa cultura materno-centrada, que duramente condena as mulheres-mães a constituírem um ambiente familiar protetivo, sob o jugo de serem consideradas perversas em caso negativo.

Trata-se de algo discutido por Iaconelli (2012), ao discorrer sobre um caso, por ela acompanhado, de uma mulher que tentou provocar a interrupção de sua gestação não planejada. Após expelir o feto (que ela julgava estar morto) no banheiro do hospital e deixá-lo no lixo,

essa mulher descobre que, na verdade, o bebê ainda estava vivo e se encontrava internado na UTI neonatal do referido hospital. A partir desse caso clínico, a autora tece reflexões sobre o olhar de julgamento por parte da equipe hospitalar em relação à mãe, que, devido ao fato de ter agido em oposição ao que seria esperado de uma mulher-mãe, desperta, no entorno, fantasias de que seria louca ou má, gerando angústia nos profissionais diante das tentativas dela de aproximação em direção ao bebê.

Desse modo, vemos que, em nosso estudo, deparamo-nos com algo contrário ao que Setubal et al. (2019) pontuam sobre a dificuldade da sociedade em reconhecer e notificar os casos de violência sexual cometida pela mãe. Segundo esses autores, haveria uma dificuldade por parte da sociedade em assimilar a figura materna como abusiva, devido à maternidade ocupar um lugar santificado e naturalmente bom. No presente trabalho, contudo, observamos que, quando as mães se mostram falhas, são precoce e duramente condenadas, justamente devido ao fato de ferirem esse imaginário altamente idealizado acerca da figura materna. Entendemos que isso pode ter acontecido com a equipe ambulatorial que acompanhava o caso de Amora, à medida em que prevalecia o entendimento e o discurso de que a mãe da adolescente teria sido a co-ofensora da violência sofrida por ela, mesmo que isso não constasse no prontuário do atendimento realizado no pronto socorro, posto que ela se mostrava não protetiva em outras esferas da maternidade.

Vale pensarmos, entretanto, que é possível que a mãe de Amora de fato estivesse presente no cômodo, durante o episódio da violência sexual perpetrada pelo então namorado dela, com a adolescente variando o seu relato sobre a (não) participação de sua mãe como uma estratégia para preservar o seu vínculo com ela e seus demais irmãos (cujo convívio ficou condicionado à convivência com a mãe), posto que a Rede de Proteção da Infância e da Adolescência havia justamente promovido o afastamento entre elas a partir da compreensão de que a mãe havia sido co-ofensora da violência sexual sofrida.

E, talvez, mais do que apenas preservar a imagem positiva da mãe para a equipe ambulatorial, Amora desejasse também preservar, dentro de si, uma imagem da mãe enquanto figura capaz de protegê-la (ou de não lhe fazer mal). Entendemos que, de certo modo, o desenho-estória de Amora parece manifestar esse desejo de que algo pudesse “florescer” e “dar frutos” dentro da dinâmica da família desenhada, ou seja, de sua família de origem. Assim, seria possível pensarmos que as flores e a árvore carregada de frutos, assim como a história inventada por ela a partir do desenho, pudessem simbolizar justamente a sua tentativa de preservar sua família consanguínea como um objeto bom capaz de superar as adversidades.

Esse movimento de tentar preservar a figura materna como um elemento amoroso dentro de si fica evidente no trecho da Narrativa Transferencial derivada da entrevista com Raquel, outra participante deste estudo:

Raquel, diferentemente das outras participantes desse estudo, compareceu ao ambulatório para trazer o seu filho, Alan, de dois anos, que teria sido vítima de violência sexual perpetrada pelo irmão dela. Eu sabia, contudo, que ela já havia sido vítima de violência sexual perpetrada pela mãe em função de outros familiares de Raquel serem acompanhados no ambulatório e já terem trazido essa questão. Logo no início de nossa entrevista, enquanto era explicado à Raquel que, no ambulatório, estávamos preocupados com o filho dela e também com ela, perguntando-lhe se ela já havia sofrido algum tipo de violência, ela começa a me falar das agressões físicas que já havia sofrido por parte de sua mãe. Não demorou para que ela me contasse que, quando era pequena, sua mãe apalpava os seus seios e que tal comportamento perdura até os dias atuais. Ela me fala que sua mãe faz isso como “brincadeira” e diz estar chocada quando constata que essa atitude seria uma violência sexual, já que sua mãe possui esse costume de tocar também no corpo dos seus outros descendentes (filhas e netos). Embora Raquel tenha se recusado a fazer o desenho-estória de uma família, notei a sua abertura para que conversássemos sobre as violências maternas, pois, sem que eu precisasse insistir, ela

começa a narrar outros episódios envolvendo a sua mãe e a temática da violência sexual. Em especial, ela me fala sobre um episódio relativamente recente em que sua mãe a incentivou a ter relações sexuais pagas com um desconhecido, dizendo para ela parar de “dar de graça”, embora depois a tivesse condenado por ter se prostituído. Chamou a atenção que, apesar de se trazer enquanto vítima de violência sexual de maneiras variadas por parte da mãe, no momento em que começamos a conversar sobre Alan, Raquel muda radicalmente a sua apresentação a respeito de sua mãe: passa a elogiá-la como sendo a única que a teria ajudado nesse episódio, auxiliando-a a ver a ferida no pênis de Alan, diferentemente de outros profissionais da Rede de Proteção, por quem ela havia se sentido maltratada.

Raquel, que passou grande parte da entrevista contando diversas situações violentas de sua mãe em relação a ela, também fala de como sua mãe foi a única a ajudá-la a lidar com seu filho após este ser violentado sexualmente. Em outras palavras, enquanto filha, Raquel se reconhece como vítima sexual de sua mãe, porém, enquanto mãe de uma criança vítima de violência sexual, Raquel já manifesta como a sua mãe teria sido protetiva para com Alan. Vemos assim que Raquel parece preservar a mãe como uma figura amorosa, localizando-a dentro de si como alguém que é capaz de cuidar de seu filho, mais do que a própria Rede de Proteção da Infância e da Adolescência.

Entendemos que essa movimentação de Raquel repousaria não apenas em manobras intrapsíquicas, mas, também, em questões culturais, levando em conta a sociedade materno-centrada em que vivemos. Conforme discutido previamente, observamos que a mulher-mãe é, na maioria das vezes, a principal figura a ocupar-se do cuidado a crianças e adolescentes vitimados (Cohim & Costa, 2011; Fernandez & Silva, 2020; Manzan et al., 2021). A partir disso, podemos pensar que, quando a violência sexual é perpetrada pelo homem, um empecilho que por vezes dificulta o afastamento em relação a essa figura agressora geralmente é o da questão financeira, dado que muitas vezes ele é o principal provedor do sustento familiar

(Araújo, 2002). Entretanto, quando a agressora sexual é a figura materna, parece que há também um aspecto dificultador próprio, para o afastamento efetivo em relação a essa figura agressora, relacionado ao desamparo e à falta de cuidado, uma vez que a figura materna ainda é majoritariamente quem desempenha tal papel.

Podemos entender que, inclusive, o fato de a figura materna estar tão associada ao cuidado é o que acaba dificultando a identificação dos casos de violência sexual por ela perpetrados (McLeod, 2015; Wijkman et al., 2010). Isso porque, não raro, em meio a alguns comportamentos incestuosos, a criança pode ficar confusa, sem conseguir discriminar as práticas de cuidado das de violência sexual (Setubal et al., 2019). Observamos que mesmo Raquel, que já era uma adolescente de 17 anos, parece ter tido dificuldades de dar-se conta de que as carícias maternas em suas partes íntimas correspondiam a um cenário de violência sexual, embora ela já se mostrasse mais crítica em relação ao fato de sua mãe ter explorado-a sexualmente, incentivando-a a ter relações sexuais pagas para comprar proventos para o lar. Para Raquel, os toques de sua mãe em suas regiões genitais, desde quando era pequena, e em todas as outras pessoas da família, equivaleriam apenas a “brincadeiras” na esfera da maternagem, como se integrassem as ações que naturalmente compõem o maternar.

Aqui seria possível fazermos uma interlocução com Thortensen (2019), que tem trabalhado com o conceito de incestualidade, diferenciando-o do incesto, entendendo que o primeiro “refere-se a um tipo de relacionamento familiar no qual as fronteiras entre os indivíduos são tênues e facilmente transpostas” (Thorstensen, 2019, p. 178). Segundo a autora, a incestualidade tenderia a estar associada mais à figura materna, que, sem freios em seu investimento libidinal sobre os filhos, pode acabar cunhando por gerações uma “propensão incestuosa natural” como se se tratasse de um modelo de criação dos filhos (Thorstensen, 2019). Retomando o caso de Raquel, podemos pensar que a família da adolescente, tão atravessada

por casos de incesto (envolvendo inclusive outros agressores sexuais fora a mãe de Raquel), comunicava, para além dos incestos, uma incestualidade materna de base.

Vemos, desse modo, a partir do campo “As sem-família”, que as adolescentes entrevistadas pareciam não se sentir pertencentes aos seus grupos familiares, tão encarnados na figura da mulher-mãe, o que, por sua vez, exigia que elas buscassem desesperadamente representar as figuras maternas como um objeto bom internalizado dentro de si ou, ainda, como no caso de Raquel, que naturalizassem a incestualidade materna que atravessava todo o sistema familiar.

3.2. “A poderosa chefona”⁷

O campo “A poderosa chefona” versa sobre o mal-estar das participantes em relação à figura feminina. Assim, se, no campo anterior, as participantes comunicaram o sentimento de que seus laços familiares haviam sido prejudicados, no campo vigente, vemos que as participantes expressaram que seus laços com a feminilidade teriam sido atacados. O trecho da Narrativa Transferencial derivada da entrevista com Livia, de 15 anos, elucida bem essa questão:

Diferentemente da maioria dos pacientes do ambulatório, Livia foi trazida ao ambulatório pela sua tia materna. A partir da leitura prévia do seu prontuário, eu sabia que Livia já havia passado por mais de uma situação de violência sexual, uma delas envolvendo a sua avó materna, o que a incluía na presente pesquisa. Logo no início da entrevista, Livia disse que preferia conversar comigo do que fazer o desenho-estória com tema, o que eu acolhi. Assim, a participante me conta quem ela considerava sua família (sua melhor amiga, a tia materna e os primos) e quem não considerava (mãe e avós). Por associação livre, nossa conversa acaba se centrando justamente nessas duas figuras que ela localizava não sendo a

⁷ O título deste campo foi inspirado na trilogia de filmes de drama e suspense policial intitulada “O poderoso chefão”, que narra o enredo de uma das mais poderosas famílias da máfia italiana nos Estados Unidos.

sua família. No que diz respeito à mãe, a adolescente discorre longamente sobre o seu mal-estar em relação a ela, associando-a não apenas a algumas das violências sexuais sofridas, em que ela não acreditou na filha, mas também a outros tipos de violência. Em relação à avó materna, Livia me conta que teria sido ela a mandante de uma das violências sexuais sofridas por ela, quando ela estava residindo na casa da avó por um tempo. Livia me fala que, quando estava na casa da avó, escutou dois primos seus perguntarem à avó “é essa?”, se referindo a ela. Ela explica que, nesse mesmo dia, quando a avó organizou onde cada pessoa iria dormir, colocou os meninos e meninas separados, exceto Livia e um desses primos, que teriam que dormir juntos. Ela me diz, nesse momento, que achou estranho, porque nunca tinha dormido com um menino e ela era uma criança, enquanto o primo já era mais adolescente. No meio da noite, enquanto estava dormindo, Livia diz que acordou sentindo uma mão passando em seu corpo, mas fingiu que ainda dormia, enquanto seu primo a violentava. No outro dia, ela me fala que escutou uma conversa entre a avó e esses dois primos (sendo um deles o que a violentou), conversa essa em que a avó perguntava a eles se tinha dado certo. Observo que, embora Livia se sentisse desprotegida e agredida por essas duas figuras maternas - mãe e avó materna -, se sentia bastante cuidada pela tia materna, que havia acreditado em todas as violências sexuais narradas por ela e, inclusive, estava trazendo-a ao ambulatório. Antes de encerrarmos a entrevista, me chamou a atenção, entretanto, que ela me pediu para que eu não contasse para a sua tia que a avó materna estava envolvida na violência sexual cometida pelo primo. Ela me explica que não queria trazer ainda mais preocupações para ela.

Apesar de Livia ter declarado que não queria trazer preocupações à tia, levantamos a possibilidade dela, na verdade, ter ficado receosa de que a tia viesse a romper com ela, caso soubesse que a adolescente estava fazendo uma acusação contra a avó materna (mãe de sua tia), sendo que a tia já estava ocupando uma posição adversarial com a própria irmã (mãe de Livia), ao assumir os cuidados dela. Nesse sentido, entendemos que o temor de Livia foi o de que ela

pudesse vir a perder essa figura materna substitutiva, que era a tia, ao tocar na relação materno-filial da tia com a própria mãe dela, o que poderia fazer com que Livia ficasse num campo de desamparo ainda maior.

Seguindo com essa linha de raciocínio, seria possível nos indagarmos se, assim como Livia via a sua avó como a mandante da violência sexual perpetrada pelo seu primo, ela temia que essa grande matriarca pudesse também (des)autorizar a sua tia, que vinha cuidando substitutivamente dela, a seguir fazendo esse cuidado? Seria a avó materna uma super figura de autoridade, que, na concepção de Livia, seria capaz de mandar e desmandar nesse grupo familiar em suas diferentes gerações, orquestrando violências e provocando desamparos?

À vista disso, a partir do campo “A poderosa chefona”, vemos que as adolescentes manifestaram a fantasia de que a figura materna seria onipotentemente destrutiva, tendo o “poder” de submetê-las a uma condição de violência e, também, de furtar-lhes da situação protetiva em que se encontram. No caso de Livia, por mais que ela tivesse discorrido sobre o seu mal-estar em relação à mãe, vemos que ela era atravessada por um temor em relação à avó materna e a maneira como ela, enquanto figura materna de autoridade, poderia afetar a sua relação com a sua tia materna, que estava sendo a sua figura materna substitutiva.

Seria possível pensarmos que esse imaginário da figura materna enquanto figura onipotente a ser temida relacione-se justamente com nossa cultura materno-centrada, tal como discutido previamente. Afinal, assim como a mulher pode ser bastante idealizada pela potência da maternidade, é possível que, num avesso, ela possa justamente ser idealizada em sua destrutividade, como uma mãe má toda poderosa. Conforme Oliveira e Nicolau (2020), essa imagem onipotente da mulher poderia ser observada ao longo da história. Afinal, antes ela era tida como o sexo diabólico, considerada bruxa e punida com fogo por motivos mínimos e, a partir do momento em que a maternidade passou a ser cunhada como a sua “verdadeira vocação”, passou a ser ligada à imagem da madona.

Podemos refletir que a Psicanálise, que também é atravessada pelo imaginário cultural predominante, mesmo que se proponha a uma lógica subversiva, também apresenta em seu bojo essa imagem da figura materna onipotentemente salvadora/destrutiva. Figueirôa (2019) aponta que, embora a Psicanálise tenha inicialmente se centrado no masculino, no falo e no pai enquanto promotor de desenvolvimento psíquico, alguns pós-freudianos, como Melanie Klein e Donald Winnicott, começaram a discorrer sobre a importância da figura materna. Por um lado, isso foi positivo por proporcionar maior protagonismo à mulher, até então tida meramente como ser castrado. Por outro lado, entretanto, a figura materna logo passou a ser vista como detentora de muito poder, como uma mãe onipotentemente toda poderosa, “que tudo pode oferecer ou negar à criança” (Figueirôa, 2019, p. 105).

Falando especificamente da temática da violência sexual, vemos inclusive que alguns autores psicanalistas, dentre os quais destacamos Thorstensen (2019), atravessados por esse imaginário da mulher-mãe onipotentemente poderosa, compreendem que, mesmo quando o agressor sexual é um homem, a raiz do incesto seria sempre materna. Segundo essa autora, quando um homem comete a violência sexual, ele estaria deslocando sobre a vítima a incestualidade materna que ele teria experienciado enquanto filho, isto é, essa presença sem freios. Ainda segundo a autora, o fato de o pai não ter conseguido interditar a mulher-mãe em sua incestualidade sobre o filho também seria culpa dela, que o teria impossibilitado de exercer a sua função de terceiro.

Contrariamente à Thorstensen (2019) e aos demais psicanalistas que se identificam com essa perspectiva que responsabiliza a mulher-mãe pelos atos dos homens, seja ele o agressor, seja ele o pai, não compartilhamos da concepção de que a mulher-mãe seria sempre responsável pela violência sexual. Tampouco estamos considerando, nesse estudo, que as mulheres-mães que realizam o desmentido, isto é, o não reconhecimento da violência sexual relatada pela criança ou adolescente a um adulto (Ferenczi, 1933/1992), deveriam ser taxadas de ofensoras

ou co-ofensoras da violência sexual sofrida. Estamos de pleno acordo com Ramos (2010), para quem o fato de a mulher-mãe não se apresentar como protetiva ao filho vítima da violência sexual não significa necessariamente que ela esteja na posição de cúmplice, como é comumente colocada, embora possa ser registrado como uma violência para a criança/o adolescente não poder contar com essa proteção. Ao nosso ver, nesses casos específicos, estaríamos mais diante de casos em que a mulher-mãe se revela negligente, ocupando uma posição de omissão/submissão em relação ao agressor sexual, do que diante de casos em que ela se apresentaria ativamente, enquanto ofensora ou co-ofensora, com certa autoridade e perversidade, na cena da violência sexual.

Nesse sentido, compreendemos que, apesar da negligência ser classificada, ao lado da violência sexual, como um tipo de violência interpessoal (Mata et al., 2017), com o que concordamos em absoluto, entendemos que o nível de participação do agente em cada uma delas seja diferente. Isso fica claro no próprio caso de Livia, em que ela se sentia duplamente atacada: pelo fato de sua mãe não ter acreditado em seus relatos de violência sexual, mantendo-se passivamente num campo de omissão/negligência, e pelo fato de sua avó materna ter participado ativamente da violência sexual cometida pelo primo, sendo entendida por Livia como a mandante, vale dizer, como a co-ofensora daquela violência sexual sofrida.

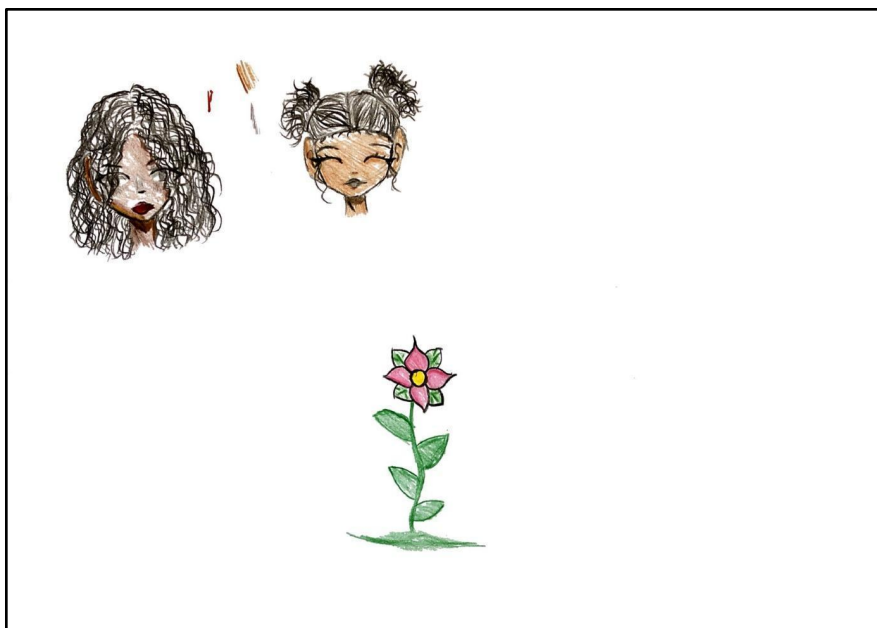
Desse modo, vemos a partir do campo “A poderosa chefona” produções imaginativas, por parte das adolescentes entrevistadas, de que a figura materna ofensora/co-ofensora estaria mais associada a uma figura onipotentemente destrutiva a ser temida do que a uma mulher frágil e submissa, num campo de passividade e inércia. Isso fica claro também a partir do trecho da Narrativa Transferencial referente à entrevista com Tiana:

Tiana, de 12 anos, compareceu ao ambulatório acompanhada de sua mãe, com quem residia naquele momento, sendo que seu pai foi encontrá-las no atendimento ambulatorial. Embora tivesse sido trazida por sua mãe, notei que Tiana sentou-se ao lado do pai enquanto

esperava para ser atendida. Eu sabia, a partir da leitura do prontuário dela, que ela havia sido vítima de violência sexual perpetrada pelo primo paterno mais de uma vez e que sua avó paterna estava ciente e pedia para que ela não contasse a ninguém. Tiana sentia-se violada pela avó que, além de pedir sigilo, falava à neta que a violência sexual ocorria a mando de sua mãe. Durante a nossa entrevista, Tiana me disse que, durante muito tempo, acreditou nessa mentira da avó, tardando para dar-se conta de que aquilo se tratava de uma mentira dela. Tiana passa bastante tempo de nosso atendimento falando da avó, que, segundo ela, além de mentirosa, era controladora a ponto de conseguir fazer com que as pessoas ao seu redor acabassem fazendo aquilo o que ela queria, até ela conseguir ficar satisfeita. Justamente devido ao fato de a adolescente ter falado tanto sobre a avó (mais do que sobre o primo agressor sexual), entendi que, apesar dela ter declarado para mim que não tinha vontade de ver a avó, mostrava-se bastante investida nela, por vezes referindo-se equivocadamente à ela enquanto “mãe” e queixando-se do fato dela se mostrar mais carinhosa com outros familiares do que com ela. Fiquei, desse modo, tomada pela impressão de que Tiana parecia sentir-se mais filiada à avó paterna do que à própria mãe, assim como havia tido a impressão de que ela parecia sentir-se mais vinculada ao pai do que à mãe na sala de espera. Apesar disso, quando, ao final da entrevista, convidei-a para desenhar “uma família”, me chamou a atenção que ela desenhou duas figuras femininas (Figura 3) que, segundo ela, equivaleriam a ela e a sua irmã.

Figura 3

Desenho produzido por Tiana.



Fonte: autoria da participante.

Como ela não havia falado dessa irmã até o dado momento, perguntei-lhe sobre essa irmã, de quem ela me disse gostar muito. A adolescente me conta que, como elas estudam em escolas diferentes, já havia inclusive pedido para que a sua mãe trocasse a irmã de escola para que pudessem estar mais próximas.

Tiana, assim como Lívia, apresenta a avó enquanto a figura materna que teria ativamente se envolvido na cena da violência sexual numa posição de co-ofensora. No caso de Tiana, vemos que, inclusive, ela se sentia mais filiada à própria avó paterna do que à mãe, a quem ela se referia às vezes como “mãe”, em termos de atos falhos.

Por um lado, podemos entender que isso descortinaria não haver diferenças significativas, para as meninas vitimadas, acerca dessas duas figuras maternas (mãe e avó), que seriam vistas como as suas principais figuras femininas de identificação. De fato, segundo estudos de Seron e Milani (2011) e Pinto et al. (2014), as avós seriam as principais figuras de identificação que as adolescentes recorrem depois das mães, desempenhando função essencial na constituição psíquica dessas adolescentes. Por outro, podemos pensar que haveria, sim, uma diferença entre as mães e as avós, uma vez que Tiana, assim como Lívia, discorre sobre uma avó que, do alto da hierarquia da linhagem feminina da família, teria condições de mandar e

desmandar nas demais gerações subsequentes, fazendo com que os outros atendam aos seus desejos, quase como se tivessem a capacidade de reinventar a realidade. Desde essa perspectiva, seria a avó, enquanto matriarca maior da família, aquela sentida como a “poderosa chefa”, mais do que a própria mãe?

Algo que nos chamou a atenção, para além dessa questão, foi que, quando foi pedido para que ela desenhasse uma família, Tiana não escolheu desenhar nem a avó paterna (de quem ela tanto discorreu na entrevista) e nem a mãe (com quem ela estava residindo naquele momento). Foi a figura feminina de sua irmã, de quem ela não havia falado em absoluto no encontro até então, que ela escolheu retratar ao seu lado, mesmo que de forma desconectada.

Seria possível pensarmos, a partir daí, que esse movimento de Tiana de desenhar a irmã equivaleria a uma tentativa de localizar alguma figura feminina de seu grupo familiar com quem ela pudesse se identificar positivamente, diferentemente do que ocorria com a sua mãe e com a sua avó paterna. Nesse sentido, mais do que desejar estar próxima da irmã em termos de escola, ela estaria comunicando o desejo de ter uma figura feminina de quem se aproximar, o que se faz tão necessário se contextualizarmos que Tiana encontrava-se na adolescência, fase em que se dá uma reestruturação de identidade (Pinto et al., 2014), com as meninas adolescentes buscando estabelecer a sua identidade feminina aproximando-se de seus pares, em busca de novas relações de objeto que contribuam em identificações futuras (Gomes, 2017), mas também contando com as figuras femininas da família (Gomes, 2010).

Na perspectiva psicanalítica, inclusive, muito tem sido debatido a respeito da identidade feminina em meninas adolescentes estar atravessada pela relação materno-filial (Seron & Milani, 2011). Temos, na própria teoria freudiana, tão criticada pelo debate feminista por centralizar a concepção da feminilidade na inveja do pênis e na maternidade, a compreensão de que a saída “positiva” do Édipo equivaleria à capacidade da menina de superar o ódio em relação à mãe, devido ao fato dela não ter lhe dado um pênis, conseguindo identificar-se

positivamente com ela e com a sua feminilidade, ao final (Bonfim, 2014; Klipan & Abrão, 2018; Oliveira & Nicolau, 2020).

No entanto, como dar-se-ia a constituição da identidade feminina em meninas adolescentes cujas figuras maternas estão associadas à violência sexual? Ficariam elas “fadadas” a desenvolver-se, à imagem e semelhança de suas figuras primárias, como figuras femininas onipotentemente destrutivas? Ou, num avesso, atravessadas pelo temor da destrutividade onipotente associada ao feminino, a elas caberia distanciar-se maximamente do campo da feminilidade, como Denov (2004) evidencia em seu estudo? Podemos pensar que, ao desenhar a sua irmã, Tiana tenha comunicado a estratégia psíquica de buscar deslocadamente outras figuras femininas do entorno familiar com as quais se identificar positivamente.

De fato, segundo Seron e Milani (2011), na ausência de uma figura materna com quem se identificar nesse processo, a adolescente pode recorrer a outras figuras femininas. Segundo os autores, depois das mães e das avós, são as irmãs as figuras de identificação escolhidas pelas adolescentes neste período de construção de uma identidade. Kancyper (2019), que tanto se debruçou sobre o complexo fraterno, identificando-o como “um conjunto organizado de desejos hostis e amorosos que a criança experimenta com respeito a seus irmãos” (p. 291), descreveu quatro funções para essa relação. Contudo, aquela que merece destaque quando pensamos na estratégia de enfatizar o fraterno, utilizada pelas participantes, seria a função substitutiva, caracterizada como uma possibilidade desse subsistema suprir o que as figuras parentais não puderam cumprir suficientemente. Ainda, Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) apresentam a importância que o vínculo fraterno possui na elaboração de angústias e no desenvolvimento da criatividade.

Pensando nas participantes deste estudo, principalmente em Tiana, acreditamos que o investimento no fraterno pudesse estar relacionado à procura de uma figura feminina com quem se identificar, à medida em que ela não podia contar com sua mãe, sua figura materna originária,

que geralmente é a principal responsável por sustentar a construção da identidade feminina de meninas adolescentes. Assim, a relação de Tiana com sua irmã estaria cumprindo-lhe a função substitutiva, amparando-a de alguma maneira na estruturação da sua feminilidade, já que sua mãe e sua avó não tinham condições de seguir ocupando essa posição.

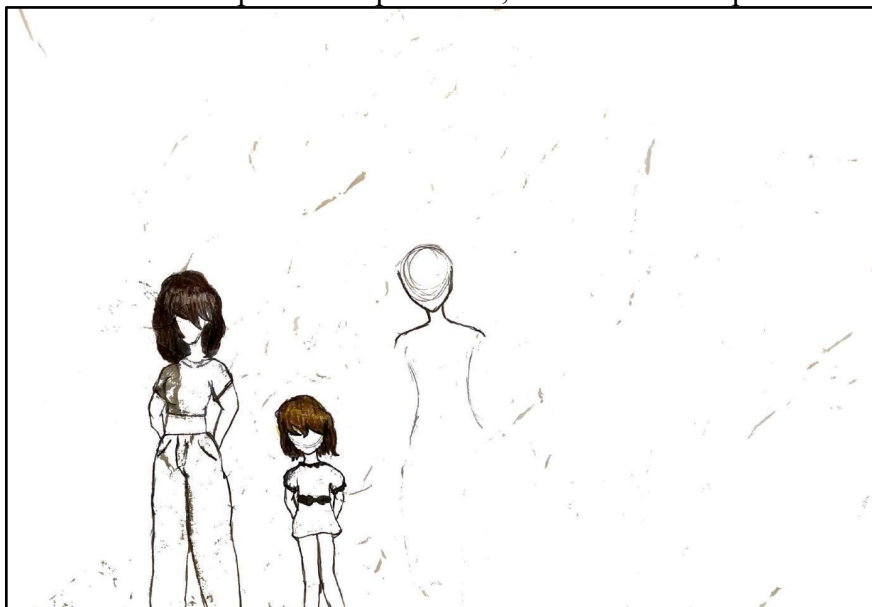
Entendemos que não apenas Tiana expressou esse movimento de buscar uma figura feminina da família com quem se identificar positivamente, em meio às demais figuras femininas que fazem parte do ambiente familiar. Apresentamos a seguir o trecho da Narrativa Transferencial derivada da entrevista com Maitê, na qual isso também pôde ser observado:

Maitê, de 13 anos, chegou ao ambulatório acompanhada de sua avó paterna. A partir da leitura do prontuário, eu sabia que ela havia sido violentada pelo marido de uma babá e que, na ocasião, ela havia pedido ajuda a sua mãe, que, no entanto, reagiu com risadas, pediu para que ela não contasse nada para ninguém e a manteve em convívio com o agressor sexual. No prontuário também constava sobre Maitê ter dito que sua mãe teria sido vítima de violência sexual na adolescência, pelo próprio padrasto, fato esse que ela contava para várias pessoas dizendo que havia gostado das violências sofridas. Logo no início da entrevista, enquanto Maitê fazia o desenho de uma família, me conta que recentemente havia passado a morar com seu pai e sua madrasta, porque não estava gostando de morar com sua mãe. Ela refere-se à madrasta como uma figura mais carinhosa, enquanto fala da mãe como alguém em quem não poderia confiar, citando a situação em que contou sobre as violências e ela riu. Contudo, me chamou a atenção que, ao invés de ficar conversando sobre esse episódio da violência sexual, por associação livre, a adolescente começa a falar mais de suas irmãs, Sara, de 6 anos, e Eliza, de 10 anos, com quem ela já não estava mais convivendo diariamente, já que Sara seguia residindo na casa materna e Eliza mudara-se para a casa de seu pai, que não era o mesmo de Maitê. Em um primeiro momento, Maitê conta que, dentre suas irmãs, a que se sentia menos “confiável” (sic) era ela, visto que sua mãe dava mais atenção às outras. Embora ela tenha

usado essa palavra, dando a entender que ela mesma seria a menos confiável, ao longo da entrevista, percebo que o que ela queria dizer é que, dentre as três, ela era a que menos confiava na mãe, que, segundo ela, dava mais atenção para as irmãs, em especial a caçula. Maitê me conta que, por vezes, ia até a casa de sua mãe, mas para visitar Sara, a quem se sentia bastante apegada. Me conta que já não sentia o mesmo em relação à Eliza, com quem ela brigava muito, especialmente quando a irmã falava que sua mãe havia as abandonado. Nesse momento, me chamou a atenção que Maitê sustentava um discurso de defesa em relação à mãe, dizendo que a mãe dava sim atenção à Eliza, mesmo que mais à Sara. Também me chamou a atenção que Maitê estava justamente fazendo um desenho dela e das irmãs naquele momento (Figura 4). Contudo, no instante em que ela está se desenhando, ela amassa a folha repentinamente e diz que irá desenhar as irmãs na posição vertical, em uma nova folha de papel.

Figura 4

Primeiro desenho produzido por Maitê, sendo amassado posteriormente.



Fonte: autoria da participante

Assim, Maitê pega outra folha, mas, como o nosso tempo de encontro já estava às vias de encerrar, ela acaba desenhando somente Eliza (Figura 5). Quando peço para que me fale mais sobre o seu desenho, ela me fala que, apesar de não ter uma boa relação com essa irmã,

as duas têm aspectos em comum, como não gostarem de ir à casa da mãe e a forma com que se comportam quando não estão bem. Ao final da entrevista, encontro-me confusa acerca de como Maitê se sente em relação à sua mãe e suas irmãs, visto que seu discurso oscilou com frequência.

Figura 5

Segundo desenho produzido por Maitê.



Fonte: autoria da participante.

Assim como observamos no desenho-estória de Tiana, vemos que Maitê, diante do convite de que desenhasse uma família, optou por voltar-se para o subsistema fraterno. No entanto, diferentemente de Tiana, Maitê falou bastante das irmãs desenhadas ao longo da entrevista, demonstrando sentir sobretudo ciúmes da relação materno-filial que suas irmãs tinham para com a sua mãe. Esse ciúme da vítima de violência sexual, em relação à própria mãe, foi igualmente observado no estudo de Reis et al. (2023), cuja participante, já adulta, sentia-se enciumada em relação a uma prima, durante sua infância e adolescência, período em que foi violentada sexualmente. Desde essa perspectiva, seria possível nos perguntarmos se

Maitê teria tido mais facilidade de desenhar as suas irmãs do que a si mesma devido a sua percepção de que elas representavam mais a sua mãe, em função da maior vinculação entre elas?

Podemos pensar também que, a partir desse material, embora Maitê declarasse abertamente seu mal-estar em relação à sua mãe, mostrava-se bastante identificada com ela (a ponto de inclusive defendê-la quando sua meia-irmã falava mal dela), o que talvez tivesse a ver com o fato de as duas terem sido igualmente vítimas de violência sexual. É possível pensarmos que, justamente por se sentir tão identificada positivamente com a mãe, Maitê temesse vir a se tornar uma pessoa não “confiável”, conforme ela própria dissera via ato falho, à imagem e semelhança de como ela via a própria mãe.

Observamos, por meio dos estudos sobre meninas adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por homens, em especial o estudo de Serpa (2018), que, não raro, a feminilidade dessas meninas é afetada de modo tal que elas desenvolvem uma relação com o próprio corpo marcada de sensualidade, colocando-se comumente como objeto de desejo e prazer para outros homens. Por meio de nosso estudo, em especial a partir do caso de Maitê, seria possível refletirmos que, quando meninas adolescentes são vítimas de violência sexual perpetrada por uma figura materna, a feminilidade é afetada de maneira diferente, com a menina sentindo que perdeu uma de suas figuras primárias de identificação, que poderia inclusive auxiliá-la no processo de construção da sua identidade feminina. Isso fica evidente na entrevista com Maitê, quando ela amassa o desenho que estava fazendo, no momento em que estava começando a desenhar o seu corpo, nos mostrando uma dificuldade em se representar, o que não acontece quando desenha as outras pessoas.

Assim sendo, mediante o campo “A poderosa chefona”, observamos que as adolescentes participantes do estudo apresentaram um mal-estar em relação à figura feminina, tendo a fantasia de uma figura materna onipotentemente destrutiva, fazendo com que elas buscassem

outras figuras femininas do seu grupo familiar com quem pudessem se identificar positivamente, dado o temor de restarem identificadas com suas figuras maternas e acabarem se tornando elas mesmas figuras femininas pouco “confiáveis”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos investigar psicanaliticamente a experiência emocional de meninas adolescentes vítimas de violência sexual perpetrada por uma mulher que lhes cumpria a função materna, estando envolvida como ofensora ou co-ofensora. A partir disso, identificamos dois campos referentes às experiências das adolescentes entrevistadas, que, atravessadas pela cultura materno-centrada em que vivemos, demonstraram o sentimento de falta de filiação com seus grupos familiares, devido à fantasia de que o rompimento com a figura materna provocaria a ruptura com o restante da família. Além da devastação do laço familiar, vimos a devastação do laço com a feminilidade, em virtude da compreensão da figura feminina enquanto onipotentemente destrutiva, resultando em uma procura por outras figuras femininas com quem pudessem se identificar positivamente.

Entendemos que um aspecto limitador do presente estudo decorre do fato de as entrevistas terem se desdobrado no momento em que as participantes compareciam ao ambulatório, para serem atendidas enquanto vítimas de violência sexual. Desse modo, as entrevistas que com elas foram realizadas acabavam num só tempo se configurando como um atendimento ambulatorial com finalidade clínica e, também, uma entrevista com objetivos científicos, gerando uma sobreposição de enquadres entre pesquisa e clínica.

Ainda assim, entendemos que o estudo se revela precioso por focar na experiência emocional das vítimas, visto que, em meio à evidente escassez de literatura científica brasileira acerca da violência sexual perpetrada por uma figura materna, nos deparamos com a inexistência de pesquisas com esse enquadramento. Considerando isso, esperamos que o

presente estudo inspire a realização de outros, sem ficar isolado em meio às demais pesquisas no campo da violência sexual, como se ficasse sem filiação com o restante da literatura especializada, assim como as nossas participantes manifestaram sentir-se em relação às suas famílias.

5. REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1995). O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeção e transicionalidade. *Psicologia USP*, 6(2), 103-127. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1678-51771995000200007
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. [Tese de Livre Docência, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de teses e dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/pt-br.php>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., & Machado, M. C. L. (2005). Narrativas: o gesto do sonhador brincante. *Anais do IV encontro latino americano dos estados gerais da psicanálise*. Estados Gerais da Psicanálise.
- Araújo, M. de F. (2002). Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em estudo*, 7(2), 3-11. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722002000200002>
- Baptista, R. F., Darós, L., & Zamora, M. H. (2019). Reintegração no contexto do acolhimento familiar: um estudo de caso. *Brazilian journal of health review*, 2(3), 1788–1814. <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1462>
- Bonfim, F. G. (2014). Amor - ódio: devastação na relação mãe e filha. *Fractal: revista de psicologia*, 26(1), 245–252. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922014000100017>

- Casini, I. dos S., Andrade, B. D. S. de, Fonseca, G. G. da, Passos, T. S., Torres, R. C., Bernardo, L. P., Carvalho, A. R., & Lemos, W. P. B. (2021). Violência sexual: análise epidemiológica entre os anos de 2010 a 2018. *Brazilian journal of health review*, 4(5), 22136-21121541. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n5-312>
- Coelho, D. M., & Santos, M. V. O. (2012). Apontamentos sobre o método na pesquisa psicanalítica. *Analytica: revista de psicanálise*, 1(1), 90-105. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972012000100006
- Coelho, D., & Cunha, E. L. (2021). Quatro condições para a pesquisa em psicanálise. *Psicologia USP*, 32, 1-9. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190162>
- Cohim, D., & Costa, A. A. A. (2011). Mães: cúmplices, negligentes... que lugar elas ocupam na violência sexual contra crianças e adolescentes? In: A. A. A. Costa (Org.), *Estudos de gênero e interdisciplinaridade no contexto baiano* (pp. 117-144). EDUFBA.
- Comartin, E. B., Burgess-Proctor, A., Kubiak, S., & Kersnsmith, P. (2018). Factors related to co-offending and coerced offending among female sex offenders: the role of childhood and adult trauma histories. *Violence and victims*, 33(1), 53-74. <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-16-00073>
- Cortoni, F., Babchishin, K. M., & Rat, C. (2017). The proportion of sexual offenders who are female is higher than thought: a meta-analysis. *Criminal justice and behavior*, 44(2), 145–162. <https://doi.org/10.1177/0093854816658923>
- Denov, M. S. (2004). The long-term effects of child sexual abuse by female perpetrators: a qualitative study of male and female victims. *Journal of interpersonal violence*, 19(10), 1137–1156. <https://doi.org/10.1177/0886260504269093>
- Etherington, K. (1997). Maternal sexual abuse of males. *Child abuse review*, 6(2), 107-117. <http://doi.org/bq53p5>

- Favaro, C. (2007). Mulher e família: um binômio (quase) inseparável. In: M. N. Strey, J. A. S. Neto, & R. L. Horta (Orgs.), *Família e gênero* (pp. 39-56). EDIPUCRS.
- Ferenczi, S. (1992). *Psicanálise IV* (Cap. 9, pp. 97-106, A. Cabral, Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Fernandes, H. C., Costa, D. M. R., & Neves, R. A. (2019). Violência sexual infanto-juvenil no estado de Goiás: análise epidemiológica. *Brasileira militar de ciências*, 5(12), 8-14. <https://doi.org/10.36414/rbmc.v5i12.5>
- Fernandez, C. B., & Silva, S. E. P da. (2020). Acompanhamento especializado de adolescentes em situação de violência sexual na cidade de Manaus. *Revista de políticas públicas*, 24(2), 511–531. <https://doi.org/10.18764/2178-2865.v24n2p511-531>
- Figueirôa, D. (2019). Evolução das representações do feminino e do materno em psicanálise: dois paradigmas clássicos e um emergente. *Clínica e investigação relacional*, 13(1), 97-108. <http://dx.doi.org/10.21110/19882939.2019.130107>
- Fornari, L. F., Sakata-So, K. N., Egry, E. Y., & Fonseca, R. M. G. S. da (2018). As perspectivas de gênero e geração nas narrativas de mulheres abusadas sexualmente na infância. *Latino-americana de enfermagem*, 26(e3078), 1518-8345. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.2771.3078>
- Garrafa, T. (2020). Primeiros tempos da parentalidade. In: D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (55-69). Autêntica.
- Gaspar, R. S., & Pereira, M. U. L. (2018). Evolução da notificação de violência sexual no Brasil de 2009 a 2013. *Cadernos de saúde pública [online]*, 34(11), 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00172617>
- Gillespie, S. M., Williams, R., Elliott, I. A., Eldridge, H. J., Ashfield, S., & Beech, A. R. (2015). Characteristics of females who sexually offend: a comparison of solo and co-offenders.

- Sexual abuse: a journal of research and treatment*, 27(3), 284-301.
<https://doi.org/10.1177/1079063214556358>
- Goldsmid, R., & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771–788. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642011005000031>
- Gomes, K. P. da S. (2010). *A construção da feminilidade na psicanálise winnicottiana* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14957>
- Gomes, V. R. R. (2017). A adolescência sob a lente da psicanálise articulada ao social. *Revista CESUMAR*, 22(2), 247-263. <http://dx.doi.org/10.17765/1516-2664.2017v22n2p247-263>
- Gondar, J. (2012). Ferenczi como pensador político. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 34(27), 193-210. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952012000200011&lng=pt&tlng=pt.
- Iaconelli, V. (2012). *Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de teses e dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-07052013-102844/pt-br.php>
- Kancyper, L. (2019). *O complexo fraterno: estudos psicanalíticos*. Blucher. (Publicado originalmente em 2004)
- Klipan, M. L., & Abrão, J. L. F. (2018). Feminilidade e Melanie Klein: o tema da feminilidade em suas primeiras publicações. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, 21(3), 386–396. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982018003010>

- Kuabara, C. Y. S., Klipan, M. L., & Abrão, J. L. F. (2016). Família acolhedora: o estabelecimento de relações objetais em situação de acolhimento. *Estilos clínicos*, 21(2), 346-365. <https://dx.doi.org/http://dx.doi.org/0.11606/issn.1981-1624.v21i2p346-365>
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen Trad.). Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)
- Magalhães, J. M. S. V. (2022). *Contribuições de Ferenczi acerca do trauma de violência sexual* [Monografia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUCSP. <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/27693>
- Manso, F. V., & Campagna, V. (2019). *Dossiê mulher 2019*. RioSegurança. http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/uploads/DossieMulher2019.pdf
- Manzan, F. R. A., Hueb, M. F. D., Santeiro, T. V., & Borges, M. A. P. (2021). Enfrentamento materno diante de violência sexual: experiência grupal em Centro de Atenção Psicossocial Infantojuvenil. *Revista família, ciclos de vida e saúde no contexto social*, 9(1), 159-168. <https://doi.org/10.18554/refacs.v9i1.5114>
- Mata, N. T., Silveira, L. M. B. da, & Deslandes, S. F. (2017). Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. *Ciência & saúde coletiva*, 22(9), 2881-2888. <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.13032017>
- McLeod, D. A. (2015). Female offenders in child sexual abuse cases: a national picture. *Journal of child sexual abuse*, 24(1), 97-114. <http://dx.doi.org/10.1080/10538712.2015.978925>
- McLeod, D. A., Dunnells, Z. D., & Ozturk, B. (2021). Female offenders in child sexual abuse. In: E. Kalfoglou, & S. Kalfoglou (Eds.), *Sexual abuse - an interdisciplinary approach* (pp. 1-18). IntechOpen. <https://doi.org/10.5772/intechopen.98499>
- Medeiros, C. (2009). *Girando o cata-vento: sofrimento e cuidado na psicanálise do ser e fazer* [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de teses e

- dissertações da USP. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-08122009-105508/en.php>
- Medeiros, C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J.. (2014). Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos. *Psicologia clínica*, 26(2), 49–62. <https://www.scielo.br/j/pc/a/wLtHmFGfDBWy4vR5Mwdt9Nb/?lang=pt#>
- Ministério da Saúde. (2023). *Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021*. Secretaria de vigilância em saúde e ambiente. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2023/boletim-epidemiologico-volume-54-no-08>
- Miranda, J. J. de ., Timo, A. L. R., & Belo, F. R. R.. (2019). Crítica à teoria da maternidade em Winnicott: é preciso ser mulher para cuidar de crianças?. *Psicologia: ciência e profissão*, 39, 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003176863>
- Oliveira, C. D., Herrera, M. S., Fernandes, L., Rodrigues, P., Neto, J. S. C., Balthazar, P., Reis, T. B. A., Ramos, M. de Q., Lopes, F. F. L., & Fukutani, K. F. (2022). Perfil epidemiológico das mulheres vítimas de violência sexual no Brasil. *Diálogos & ciência*, 2(1), 246-255. <https://doi.org/10.7447/1678-0493.2022v2n1p246-255>
- Oliveira, P. F. de, & Nicolau, R. F. (2020). Feminino em questão: diálogos contemporâneos entre psicanálise e feminismo. *Revista subjetividades*, 20(Especial 2), 1-12. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20iEsp2.e8974>
- Oliveira, Y. da S., Rodrigues da Silva, D., Pombo, A.P. M., & Moura, R. F. (2020). Epidemiologia da violência sexual infantojuvenil no município de São Paulo. *Nursing*, 23(271), 5055-5060. <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i271p5055-5066>

- Pinto, K. L. B., Arrais, A. da R., & Brasil, K. C. T. R. (2014). Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. *Psico-USF*, 19(1), 37–47. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712014000100005>
- Ramos, M. C. da R. (2010). *Mães de meninas vítimas de abuso sexual: aquilo que não se pode dizer* [Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Pernambuco]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Católica de Pernambuco. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/909>
- Reis, M. E. B. T., Santos, B. L., & Souza, L. O. (2023). Se abusada fui, abusadora serei? Estudo exploratório com fatos clínicos psicanalíticos. *Revista brasileira de psicoterapia*, 25(1), 13-23. https://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=447
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (M. A. C. Jorge, Ed. & V. Ribeiro, L. Magalhães, Trad.). Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, M. P. B. (2013). Definições dos enfoques quantitativo e qualitativo, suas semelhanças e diferenças. In: R. H. Sampieri, C. F. Collado & M. P. B. Lucio (Orgs.), *Metodologia de pesquisa* (pp. 28-48). Penso.
- Sanches, A., & Cardoso Júnior, H. R. (2006). Ruptura de campo: proposta clínica e metodológica de Fabio Herrmann. *Anais do XIX encontro de psicologia e VI encontro de pós-graduação: percursos e perspectivas*. UNESP.
- Santana, M. F. S., Passos, T. S., & Almeida-Santos, M. A. (2020). Estudo epidemiológico da violência sexual no município de Aracaju, Sergipe, 2013 a 2016. *Interfaces científicas - saúde e ambiente*, 8(2), 230–242. <https://doi.org/10.17564/2316-3798.2020v8n2p230-242>
- Seron, C., & Milani, R. G. (2011). A construção da identidade feminina na adolescência: um enfoque na relação mãe e filha. *Psicologia: teoria e prática*, 13(1), 154-164.

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100012&lng=pt&tlng=pt
- Serpa, M. (2018). "Eles ficam loucos com nós": as lógicas de corpo e gênero em adolescentes exploradas sexualmente. *Psicologia em revista*, 24(1), 1-18. <https://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n1p1-18>
- Setubal, C. B., Wolff, L. dos S., Stroher, L. M. C., Blanco-Vieira, T., & Costa, L. F. (2019). “Não pode ser abuso... eu sou a mãe”: ofensa sexual materna. *Revista de psicologia (Santiago)*, 28(1), 92-103. <https://dx.doi.org/10.5354/0719-0581.2019.53956>
- Souza, L. M. L. de, Mussi, L. de M., Pimenta, L. A. M., Oliveira, M. F. de, & Cola, C. dos S. D. (2020). Violência sexual contra mulher como problema de saúde pública: perfil epidemiológico. *Revista interdisciplinar pensamento científico*, 5(4), 1934-1946. <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/v5n5a155>
- Thorstensen, S. (2019). Incestualidade materna e conflito adolescente. In: G. Castanho & M. L. Dias (Orgs.), *Terapia de família com adolescentes* (pp. 176-182). Ágora.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181–186. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>
- Wijkman, M., Bijlevel, C., & Hendriks, J. (2010). Women don't do such things! Characteristics of female sex offenders and offender types. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*, 22(2), 135-156. <https://doi.org/10.1177/1079063210363826>
- Williams, K. S., & Bieri, D. M. (2015). An incident-based comparison of female and male sexual offenders. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*, 27(3), 235–257. <https://doi.org/10.1177/1079063214544333>
- Winnicott, D. (2000). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (D. Bogomoletz Trad.). Imago. (Trabalho original publicado em 1982)

Winnicott, D. (2002). *Os bebês e suas mães* (2ª ed, J. L. Camargo Trad.). Martins Fontes.

(Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. (2005). *A família e o desenvolvimento individual* (4ª ed). Martins Fontes.

(Trabalho original publicado em 1965)